

# *Homo economicus* e democracia

Quais são os impactos da teoria econômica dominante na democracia?

---

**Ana Frazão**

Advogada. Professora de Direito Civil e Comercial da UnB. Ex-Conselheira do CADE.

---

Em recente artigo, Antara Haldar<sup>1</sup>, Professora de Estudos Jurídicos e Empíricos da Universidade de Cambridge, nos propõe uma interessante questão: há relação entre o raciocínio econômico preconizado e divulgado pela Escola de Chicago e a atual crise da democracia norte-americana?

Para a Professora, a resposta é positiva, já que a abordagem conhecida como “direito e economia” levaria a progressivo amesquinamento da discussão sobre valores:

“Por décadas, o pensamento conservador tem sido cada vez mais influenciado por uma abordagem jurisprudencial conhecida como “direito e economia”. Produto da Faculdade de Direito da Universidade de Chicago, o movimento de direito e economia retrata questões do direito através das lentes da economia, o que resulta no despojamento de todo conteúdo moral. O direito é reduzido a um meio para fins econômicos e instrumentalizado para esse fim, ao invés de representar um compromisso ético por parte da sociedade.

(...)

À medida que essa escola de pensamento ganhou influência nos círculos políticos e jurídicos, o direito

---

<sup>1</sup> HALDAR, Antara. Os republicanos tornaram-se vilões. Partido busca tentativa premeditada de minar o Estado de Direito. Tradução de Anna Maria Dalle Luche. Valor Econômico 29.08.2022.

perdeu sua importância moral e tornou-se uma espécie de mecanismo de preço sombra. De fato, enquanto a teoria jurídica tradicionalmente invocava profundas raízes morais – até mesmo divinas – para si mesma, a posição do direito e da economia esvaziava esse conteúdo normativo. Portanto, como a conformidade legal tornou-se uma questão de custos e benefícios monetários, em vez de certo e errado, a lei foi transformada em um empreendimento totalmente amoral.”

Mais complicado ainda é quando tal lógica econômica passa a se estender igualmente à política, privilegiando cálculos de custo-benefício em relação a valores supremos que, como a democracia, simplesmente não podem estar sujeitos a esse tipo de mensuração. Daí uma das causas da crise política norte-americana:

“Neste mundo, tudo está à venda e tudo tem um preço, inclusive, aparentemente, a presidência dos Estados Unidos. Assim, o movimento de direito e economia criou condições políticas ideais para a volta de Trump à Casa Branca. Trump trata o Estado de Direito com a mesma ousadia de “negociador” que Wall Street mostrou em relação à regulamentação no período que antecedeu a crise financeira de 2008. A lei é um jogo em que cometer faltas é uma estratégia vencedora e pagar multas punitivas é apenas um custo para se fazer negócios.”

Para entender melhor a provocação de Antara Haldar, é importante lembrar que a lógica econômica que tanto preocupa a autora tem por premissa o paradigma do *homo economicus*, segundo o qual o egoísmo não apenas é uma característica essencial do ser humano, como é o seu principal móvel de ação. Apesar de não ser intuitivo que o agir individual egoísta leve a resultados benéficos do ponto de vista coletivo, a teoria econômica dominante se baseia em uma espécie de “milagre” dos mercados: ainda que todos ajam de forma egoísta, o resultado final é o bem estar comum, a harmonia e a prosperidade. Conseqüentemente, a ganância passa a ser vista como algo necessariamente bom.

Entretanto, há uma série de falhas nesse raciocínio, a começar por se basear em uma mão invisível que apenas seria crível caso os mercados operassem em modelos semelhantes ao da concorrência perfeita, o que já sabemos que nem existe nem nunca existiu.

Por outro lado, também não é correta a visão de que a ganância não precisaria ser contida, já que poderia ser conduzida e direcionada para o bem comum a partir de uma estrutura adequada de incentivos. De fato, a experiência prática vem mostrando não haver estrutura de incentivos para resolver esse dilema, sendo irreal esperar a harmonia social quando cada agente se orienta exclusivamente pelos seus interesses pessoais.

Acresce que a lógica econômica dominante ainda ignora todo um conjunto de evidências no sentido de que o *homo economicus* tem aplicação consideravelmente reduzida na vida prática, considerando que a ação humana é complexa, sendo motivada igualmente por valores - inclusive a solidariedade e o senso de justiça - exemplos, dinâmicas sociais, dentre inúmeros outros fatores.

Mais do que isso, como bem apontam Samuel Bowles e Herbert Gintis<sup>2</sup>, há diversas evidências de que a cooperação – e não o egoísmo – não somente é característica inseparável da espécie humana, como foi, do ponto de vista evolutivo, a chave para a subsistência e o desenvolvimento da própria espécie.

A grande questão é que, ao persistir no paradigma do *homo economicus*, a teoria econômica dominante não apenas distorce a descrição do comportamento humano, como induz os homens a se comportarem como tal, ou seja, a agirem de forma egoística. É esta precisamente uma das consequências da reflexividade do conhecimento econômico, na medida em que este pode alterar a própria forma como vemos o mundo e nos comportamos.

Com efeito, se o que os homens pensam das leis da física certamente não afeta os fenômenos sob observação, não se pode dizer o mesmo das “leis” econômicas. As formas como as leis da economia são ensinadas e difundidas são efetivamente capazes de moldar o comportamento dos agentes.

Em outras palavras, se a teoria econômica defende o egoísmo universal como uma característica fundamental do comportamento humano, as pessoas tendem a agir como tal. É curioso haver pesquisas e discussões que

---

2 BOLWLES, Samuel; GINTIS, Herbert. *A Cooperative Species. Human Reciprocity and Its Evolution*. Princeton University Press, 2011.

apontam para o fato de que estudantes de economia são mais egoístas do que os estudantes das demais ciências sociais<sup>3</sup>, o que pode sugerir uma relação entre o que se ensina sobre o comportamento humano e a própria forma de orientação do comportamento.

A partir do momento em que a lógica econômica passa a ser empregada igualmente no direito e na política, é de se esperar também o fomento do agir egoísta e o amesquinamento não apenas da natureza humana, como do próprio potencial dos valores e da cooperação como móveis de comportamento. Assim, há razões para se cogitar de que essa lógica econômica pode estar contribuindo para a degradação das democracias.

Em sentido convergente, Samuel Bowles<sup>4</sup> adverte para o fato de que, a partir do momento em que a mentalidade do *homo economicus* é projetada igualmente na esfera política, qualquer grupo político passa a equivaler a um verdadeiro cartel ou monopólio, no sentido de que apenas o interesse do grupo importa, sendo todos os demais considerados inimigos. Não é coincidência o fato de tal postura estar associada à fragmentação e à polarização que impedem o diálogo e a alteridade indispensáveis em uma sociedade efetivamente democrática.

Mais do que isso, a desconsideração dos valores, a inexistência de esforços consistentes em prol da cooperação e a exacerbação do egoísmo individual acabam propiciando um isolamento das pessoas, especialmente daquelas que se sentem excluídas do sistema. Como resultado, não apenas as democracias se instabilizam, como os ressentimentos e frustrações dos indivíduos podem ser facilmente canalizados para apoiar movimentos populistas e totalitários, o que agrava a crise democrática.

Como já tive a oportunidade de abordar em coluna anterior<sup>5</sup>, explorando a obra *As Origens do Totalitarismo*, de Hannah Arendt, a desesperança e a apatia de uma parcela da população – especialmente os mais pobres - que se sente excluída e esquecida pela sociedade e pelo sistema político é um dos mais importantes fatores para a eclosão dos sistemas totalitários.

---

3 <https://economics.com/more-evidence-that-learning-economics-makes-you-selfish/>

4 É essa a conclusão de Samuel Bowles em entrevista concedida ao podcast Pitchfork Economics. <https://pitchforkeconomics.com/episode/homo-economicus-must-die-with-samuel-bowles/>

5 <https://www.jota.info/opiniao-e-analise/colunas/constituicao-empresa-e-mercado/o-negocio-das-fake-news-e-suas-repercussoes-22072020>

Com efeito, para Arendt, a partir do momento em que as pessoas são atomizadas, isoladas de seus laços sociais e perdem qualquer tipo de perspectiva social ou comunitária, suas preocupações passam a ser unicamente o próprio interesse. Isso faz com que fiquem vulneráveis e suscetíveis de serem cooptadas por movimentos nacionalistas, na medida em que estes lhes oferecem um senso de significado e de pertencimento que elas haviam perdido.

Daí a relativa facilidade com que líderes populistas mobilizam grandes setores da sociedade, incluindo os mais pobres, mesmo com pautas e programas de governo que, a rigor, são direcionados apenas à elite. Isso ocorre porque a base de apoio é mobilizada a partir da oferta de um senso de pertinência que é construído artificial e sistematicamente a partir da propaganda, da desinformação e da mentira.

Portanto, por mais paradoxal que seja, segmentos importantes das elites políticas e econômicas podem se beneficiar duplamente com o fenômeno, uma vez que, quanto mais as políticas estatais são excludentes e aumentam a pobreza e a desigualdade, mais os excluídos se tornam suscetíveis de manipulação, inclusive para o fim de apoiarem irrestritamente propostas e programas políticos que não lhes trarão nenhum benefício concreto e ainda poderão piorar a sua situação.

Como se pode observar, os aspectos ora descritos mostram que precisamos refletir sobre a provocação de Antara Haldar: em que medida uma lógica econômica que prioriza e difunde o egoísmo, ao mesmo tempo em que ignora discussões mais substantivas sobre valores e outros tipos de cooperação que não a baseada no auto-interesse, pode ter efeitos perversos que transcendem a esfera econômica, comprometendo até mesmo a estabilidade democrática?

Publicado em 08/09/2022

Link: <https://www.jota.info/opiniao-e-analise/colunas/constituicao-empresa-e-mercado/homo-economicus-e-democracia-08092022>